

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DEISIANE DOS SANTOS SILVINO

**A BRUXARIA COMO MECANISMO DE REPRESSÃO FEMININA:
UMA ANÁLISE DO *MALLEUS MALEFICARUM* (1486)
A PARTIR DO INQUÉRITO DAS TESTEMUNHAS**

SÃO CRISTÓVÃO – SE

ABRIL DE 2024

DEISIANE DOS SANTOS SILVINO

**A BRUXARIA COMO MECANISMO DE REPRESSÃO FEMININA:
UMA ANÁLISE DO *MALLEUS MALEFICARUM* (1486)
A PARTIR DO INQUÉRITO DAS TESTEMUNHAS**

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Costa Prata.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

ABRIL DE 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a mim por não ter desistido e continuar persistindo em meio a tantos desafios. Obrigado meu Deus por ter sido a minha força e por me acalmar em momentos difíceis, obrigada por estar sempre comigo.

Agradeço ao meu pai por me incentivar a entrar em uma universidade e por sempre acreditar em mim. Agradeço a minha mãezinha por sempre me apoiar e por sua dedicação incondicional. Obrigada irmãozinho David por sempre se preocupar e cuidar de mim. Vocês são meu alicerce. EU AMO VOCÊS!!!

Agradeço de todo o coração ao meu vózinho João (in memoriam) e minha vózinha Maria Angelina (in memoriam). Obrigada vózinha por todos ensinamentos e por todos os conselhos, eu amarei vocês eternamente.

Agradeço ao meu melhor amigo, parceiro e noivo Gleydson Lino. Houve momentos em que as lágrimas vieram aos meus olhos e pensei em desistir, no entanto, você esteve ao meu lado em todos esses momentos, seja com palavras reconfortantes ou momentos descontraídos.

Agradeço as minhas amigas que a UFS me apresentou: Maluzinha e Nadir, obrigada pela paciência, dedicação e a ajuda na correção dos trabalhos. Agradeço aos meus belíssimos amigos Lívia e Gabriel, passamos por essa jornada juntos, enfrentamos muitas dificuldades, mas aqui estamos, finalmente nos formando. Quero expressar minha gratidão às minhas queridas irmãs de coração, Rosália, e minha prima/irmã, Laís. Vocês foram fundamentais para me manter firme, obrigado por sempre apoiarem e celebrarem cada uma das minhas conquistas.

Agradeço a aqueles que frequentemente causaram desmotivação, vocês apenas fortaleceram minha determinação para vencer, e ultrapassar todos os desafios ao longo desse caminho.

E por fim, agradeço ao meu orientador, amigo querido e professor Rafael Costa Prata por todo conhecimento compartilhado, pelas histórias contadas, pelos momentos de aprendizados, pelas broncas e principalmente por ter me incentivado a chegar até aqui.

Obrigada a todos que estiveram presentes na minha vida ao longo dessa caminhada.

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares, especialmente, a minha mãezinha Ana Lúcia, ao meu painho José Adelman e ao meu querido irmão David, que estiveram presentes ao longo dessa caminhada. Aos meus amigos de sala que convivi durante esses cinco anos e que levarei para a vida, eles possibilitaram muitas alegrias, principalmente, em momentos difíceis. E especialmente a minha vózinha querida Maria Angelina (in memoriam).

A BRUXARIA COMO MECANISMO DE REPRESSÃO FEMININA: UMA ANÁLISE DO *MALLEUS MALEFICARUM* (1486) A PARTIR DO INQUÉRITO DAS TESTEMUNHAS

Deisiane dos Santos Silvino¹

RESUMO: Este presente trabalho faz uma análise crítica a terceira parte da obra *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras). Almeja-se, assim compreender os processos que desencadeou a caça às Bruxas na Europa, no fim da Idade Média e iniciou da Idade Moderna, o foco desta pesquisa é a mulher-Bruxa e a testemunha dos inquéritos. A produção desse manual, iniciou-se em 1484, por meio da autorização do Papa a Inocêncio VIII (1484-1492). Os autores desse tratado são dois padres dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, o escritor principal é o Kramer. Este livro se tornou o modelo principal, na Europa, para julgamentos que envolvia a acusação de bruxaria. Logo, o objetivo principal desta pesquisa é entender as motivações que levaram a escolher a mulher como “bode expiatório”, compreender quem eram essas mulheres e conhecer as testemunhas. Então, primeiramente, contextualizamos acerca do ódio disseminado as mulheres e identificamos quem eram essas mulheres. Verificou-se que a maioria das mulheres acusadas de bruxaria praticavam medicina tradicional, ou seja, eram parteiras e curandeiras. Em uma época em que a medicina estava em ascensão, essas curandeiras foram vistas como ameaças da fé e da estrutura da sociedade. Além disso, constatamos que, em sua maioria, as testemunhas eram vizinhas que tinham alguma desavença com a acusada.

PALAVRAS-CHAVE: Bruxaria; Mulher; Igreja.

ABSTRACT: This present work makes a critical analysis of the third part of the work *Malleus Maleficarum*. The aim is to understand the processes that triggered the hunt for Witches in Europe, at the end of the Middle Ages and the beginning of the Modern Age. The focus of this research is the Witch woman and the witness of the investigations. The production of this manual began in 1484, through authorization from the Pope to Innocent VIII (1484-1492). The authors of this treatise are two Dominican priests Heinrich Kramer and James Sprenger, the main writer is Kramer. This book became the main model in Europe for trials involving accusations of witchcraft. Therefore, the main objective of this research is to understand the motivations that led to choosing the woman as a “scapegoat”, understanding who these women were and meeting the witnesses. So, first, we contextualized the widespread hatred of women and identified who these women were. It was found that the majority of women accused of witchcraft practiced traditional medicine, that is, they were midwives and healers. At a time when medicine was on the rise, these healers were seen as threats to faith and the structure of society. Furthermore, we found that, for the most part, the witnesses were neighbors who had some disagreement with the accused.

KEYWORDS: Witchcraft; Woman; Church.

¹ Discente do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).
E-mail: deisysantos345@gmail.com

I. INTRODUÇÃO:

“Por muitos séculos, a mulher permaneceu sem vez na história escrita pelos homens” (Gevehr, Souza, 2014, p.113) com isso a história das mulheres foi marcada pela invisibilidade, opressão e silenciamento. Contudo, para Scott (1992), “a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história” (p. 77). Então, após inúmeras batalhas ao longo dos séculos, impulsionadas pelo movimento feminista, as mulheres começaram a conquistar seus direitos. Consequentemente, ganharam espaço e voz na sociedade.

Assim, as academias e universidades começaram a discutir acerca do papel da mulher. Entretanto, no século XIX, poucos historiadores ocidentais poderiam imaginar que o estudo da história das mulheres um dia se tornaria tão fascinante, independentemente do período histórico, visto que “a narrativa histórica tradicional prefere privilegiar cenas em que a mulher não se encontra, tais como a política e a guerra, ficando ela praticamente sem espaço” (Gevehr; Souza, 2014, p.115)”.

O interesse pela história das mulheres como um tema de pesquisa só emergiu na segunda metade do século XX. É no contexto de processos mais amplos que o silêncio dos historiadores sobre as mulheres começa a ser preenchido, as mulheres do século XX passaram a assumir o papel de historiadora, ávidas por “recuperar” o tempo em que foram silenciadas, investigando sobre suas ancestrais. Evidentemente, os agentes históricos a serem examinados são as mulheres, essencialmente as “bruxas”.

De acordo com o historiador Jeffrey B. Russell e o jornalista Brooks Alexander (2008), no livro História da Bruxaria, “witch” (bruxa) tem origem inglesa (Old English), essa palavra se entrelaça com magia e religião (p. 16), contudo, segundo Bethencourt (2000), “este conceito estava para além do significado da palavra em si, mas atrelado aos estereótipos ideológicos e culturais da sociedade na Idade Média” (Bethencourt *apud* Lopes, 2020, p. 22).

A palavra bruxa, por definição, costuma ser associada ao negativo, pois alude a uma mulher cruel, envelhecida e que realiza feitiços. Dizia-se que as bruxas estavam aliadas às forças malignas, possuíam poderes sobrenaturais e os usavam para fazer o mal. Nesta perspectiva, a bruxaria “nasce” no final da idade média, se concretiza na era moderna.

Logo, a “bruxaria” foi utilizada como um mecanismo de repressão feminina. Nesta perspectiva, em concordância com Rose Muraro (2015), “no período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII, que aconteceu o fenômeno generalizado em toda

a Europa: a repressão sistemática. Estamos nos referindo aos quatro séculos de “caça às bruxas” (p. 17).

Em vista disso, esta pesquisa objetiva fornecer uma análise do principal guia dos inquisidores, o livro *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras) escrito por dois religiosos Heinrich Kraemer e James Sprenger. Sua primeira publicação foi em 1486. Esse livro se tornou o manual dos inquisidores. Cabe salientar que existem outros guias, todavia esse se tornou o mais “severo” e mais famoso, assim ele destrincha acerca das formas de torturas e morte.

Além disso, durante a leitura o leitor percebe que a obra foca nas mulheres. Federici (2004), no *Malleus Maleficarum*, a mulher é posta mais uma vez como suscetível à superstição, bruxaria, heresia e presença demoníaca, o que justificaria seu controle, perseguição, castigos e mortes (Federici *apud* lopes, 2020, p. 26). Pode-se nota, que na visão dos autores (Kraemer e Sprenger), as mulheres eram mais propícias a bruxaria: “em virtude da deficiência original em sua inteligência, são mais propensas e abjurarem a fé, por causa da falha secundária em seus afetos e paixões desordenados também almejam, fomentam e infligem vinganças várias, seja por bruxaria, seja por outros meios” (Kramer; Sprenger, 1992).

Esse documento é uma fonte primária, que ajudará a comprovar que a história das mulheres é carregada de violência, além do mais poderemos observar e analisar a mentalidade da época e, através da obra, notaremos as explicações e suas motivações para cometer certas atrocidades.

Dois elementos fundamentais vão nos interessar ao longo deste trabalho de conclusão de curso — a questão da bruxaria e o seu julgamento. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar como a mulher era retratada nos séculos XIV-XV, através do olhar da sociedade medieval. Portanto, esta pesquisa objetiva se ater a uma questão: como se procedia o julgamento, especificamente como eram interrogadas as testemunhas.

Este trabalho de conclusão de curso será subdividido da seguinte maneira: o primeiro tópico apresentará um panorama histórico acerca da bruxaria na Idade Média e na Idade Moderna e quem era essa bruxa. Já no segundo tópico analisaremos a fonte *Malleus Maleficarum*, está é escrita sob a ótica do inquisidor. Com isso, observaremos uma das ações do julgamento. Por fim, na conclusão, perceberemos como a bruxaria se tornou um instrumento opressivo.

II. QUEM ERA A BRUXA?

“E da costela que o senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher: e trouxe a Adão²”. Nesse sentido, a mulher, foi criada a partir da costela de Adão e por conta disso, no período medieval, ela era considerada inferior e deveria ser submissa as vontades e desejos do sexo oposto. Esse discurso é fruto de uma sociedade patriarcal, misógina³ e cristã. Na qual retrata a mulher como “inimiga, perigosa, algoz e ao mesmo tempo delicada, frágil, meiga” (Silva; Medeiros, 2013, p. 7). Esse discurso era disseminado pela igreja católica. Cabe salientar, que na Idade Média os escolásticos eram os possuidores da escrita. Inegavelmente, todas as informações que temos do medievo acerca da figura feminina são manuscritos feitos por homens religiosos cristãos. Em concomitância:

Tudo o que se sabe sobre as mulheres dessa época saiu das mãos dos religiosos, que tinham quase nenhum conhecimento ou contato com elas. Os escritos nos quais transparece o mundo feminino possuem uma forte carga de misoginia, ou aversão clerical. O cristianismo construiu uma relação entre o feminino, o sexo e o mal. A mulher foi vista como uma figura perigosa e diabólica, mais propensa à lascívia (...) portadora do mal e da morte (Gevehr; Souza, 2014, p. 116).

Os infortúnios ocorridos naquela sociedade eram atribuídos ao sexo feminino, assim o homem medieval culpava o sexo oposto por todos os eventos catastróficos que aconteceram, seja a morte, a dor, o pecado ou por ter arruinado o seu paraíso terrestre.

A transição do teocentrismo para o antropocentrismo durante o Renascimento, essencialmente no século XV, foi um momento significativo na história europeia. Visto que o cristianismo regia e ditava as normas, mas com a ascensão dessa concepção filosófica teriam que se reafirmarem e encontrar um novo instrumento de controle. Salienta-se que a “Igreja exercia influência em tudo: população, artes, política, cultura e religião” (Teixeira; Bezerra, 2017, p. 39).

Nesse sentido, a bruxaria nasce em um período no qual havia rótulos para os indivíduos que não fossem batizados ou não seguiam os dogmas da igreja católica. Aqueles que não seguia as normas cristãs eram considerados “infiéis e hereges”. Além disso, a figura da mulher já era carregada de preconceito, pois já nascia com o fardo de ser descendente de “Eva” – a pecadora original. Desta maneira:

² BÍBLIA SAGRADA. GÊNESIS 2:22.1969: 03.

³ Entende-se que “qualquer definição essencialista sobre a mulher, seja positiva ou negativa, feita por um homem ou uma mulher, é a definição fundamental de misoginia” (Bloch, 1995, p. 13).

A Igreja, ao longo da Idade Média, teve um olhar estritamente misógino e, com isso [...] exemplos e discursos masculinos e religiosos foram criados, segundo a perspectiva de que as mulheres foram disseminadoras do mal, a partir de Eva. Os clérigos representavam-nas em seus discursos e doutrinas [...] (Leal, 2017, p. 5).

Eva era estigmatizada como um ser pecador, ou seja, era incapaz de resistir à tentação. Com isso, suas descendentes seriam portadoras do mesmo mal, por serem frágeis e maleáveis, era mais propícia a realizar pactos com os demônios em benefício próprio, seja para se vingar ou para obter ganhos. “Sua fragilidade fez com que não resistisse à tentação da serpente, personificada como o diabo” (Silva; Medeiros, 2013, p. 5).

Em vista disso, em 1320 a Igreja Católica Apostólica Romana decretou que a religião dos pagãos⁴ e a bruxaria simbolizavam uma ameaça ao cristianismo, originando-se assim a perseguição aos hereges. Esta, realizada, inicialmente, de forma lenta e gradual. Nesse contexto, em fins do século XIV, iniciou a caças as bruxas. Contudo, de maneira vagarosa, a perseguições começou com casos isolados. Logo, ocorreram em algumas áreas da Europa, mas não foram generalizados.

Salienta-se que no começo do século XIV, iniciou o uso das acusações de bruxaria para fins políticos. Nesse primeiro estágio da perseguição, os acusados eram frequentemente clérigos ou indivíduos letradas, capazes de ler e escrever magia. Contudo, no fim do século XIV, as acusações se ampliariam, com vistas a atingir pessoas comuns.⁵ (Russell; Alexander 2019, p. 78-79). Nesse sentido, qualquer individuo poderia ser uma “bruxa”, mas por que focaram nas mulheres?

Conforme já abordado, era uma sociedade erguida com preceitos patriarcais, que em seu cerne tinha o dominador e o dominado, o oprimido e o oprimido, a salvação e condenação. Diante disso, a mulher era considerada a escória do corpo social, sendo associada à ideia de trazer desgraça. Mesmo as moças que desempenhavam o papel (reprodutora, mãe, católica fiel, cuidadora do lar) desenvolvido pela igreja, ainda era considerada promíscua e que poderia se desviar das normas, pois demônio se apossava do seu corpo. Por isso, poderiam induzir os homens a sucumbirem à tentação.

Em virtude disso, cabia aos homens controla-se e dominá-las. De acordo, com João Crisóstomo “o olhar das mulheres toca e perturba nossa alma, e não o olhar da mulher desenfreada, mas também o da mulher decente” (Ranke-Heinemann, 1996, p. 134, *apud*

⁴ O termo “pagão” historicamente foi usado de forma pejorativa para se referir a pessoas que não seguiam as religiões monoteístas, tendo como exemplo o cristianismo.

⁵ Para mais detalhes ler Jeffrey B. Russell e Brooks Alexander, *História da bruxaria*, 78-81.

Torres, 2019, p. 5). Em face de toda essa concepção maligna que foi disseminada sobre as mulheres no Período Medieval, existe um ditado de um monge no qual perceber-se essa interpretação nociva. Ele diz o seguinte:

Dentre as incontáveis armadilhas que o nosso inimigo ardiloso armou através de todas as colinas e planícies do mundo, a pior é aquela que quase ninguém pode evitar: é a mulher, funesta cepa de desgraça, muda de todos os vícios, que engendrou no mundo inteiro os mais numerosos escândalos. (Dalarun, 1990 *apud* Torres, 2019, p. 4)

Nesse cenário, “dizia-se que as mulheres, principalmente as “bruxas”, eram capazes de copular com Íncubos – demônio sexual masculino” (Torres, 2019, p. 6). O termo “bruxa⁶” é associado ao negativo, logo o seu significado no dicionário é “*Mulher muito velha e feia; bruaca, jabiraca, megera.*”⁷ Nesse sentido, criou-se um estereótipo⁸ acerca da imagem da bruxa, que prevalece até os dias atuais.

Quando pensamos em bruxa a imagem que visualizamos é uma idosa cheia de verrugas, nariz grande e que voa a noite em uma vassoura. Essa representação é decorrente do descuido de algumas camponesas. Em concomitância, com Cheila Teixeira e Lireida Bezerra, “o estereótipo da bruxa feia e velha se deu por conta da aparência idosa e descuidada de algumas camponesas, mas também existiam mulheres belas que de alguma forma despertava o desejo dos homens e do clérigo” (2017, p. 43). Esse estereótipo é reafirmando nas pinturas, filmes, séries, nos jogos e em histórias infantis.

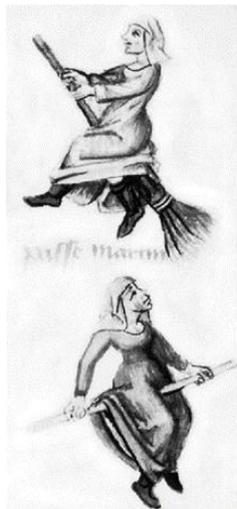


Figura 1: A Bruxa Má do Oeste, do filme *O Mágico de Oz* (1939).
Fonte: Top Movies, 2024.

⁶ De acordo com o “Dicionário de Moraes, pelo termo “Bruxa”, entendia-se uma “mulher”, que inculca ter pacto com o demonio, em cujo poder faz coisas maravilhosas, e de ordinário mal” (Silva *apud* Moreira, 2021, p. 5).

⁷ DICIONÁRIO MICHAELIS. Comunicação. **Michaelis On-line**, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bruxa/>. Acesso: 11 de jan. 2024.

⁸ Define-se como “esquemas mentais próprios do senso comum que simplificam uma realidade [...], tornando-a inteligível pela eleição de determinadas características reducionistas” (Silva, 2000, p. 24).



9

Figura 2: Esse é um dos primeiros desenhos de bruxas na Europa medieval. Elas são representadas cavalgando uma vassoura e um bastão pelos ares.



10

*Figura 3: Pintura de Goya, **Conjuro**, c. 1794-5. Bruxas estereotipadas.*

Verifica-se, na figura 1, a forma que o cinema retrata a bruxa com chapéu, verruga e voando em uma vassoura. Na figura 2 temos umas das primeiras ilustrações da imagem da bruxa, novamente é retrata voando. Já na figura 3 temos um outro estereótipo, esse ligado ao canibalismo. Quando a caça às bruxas começou no final da Idade Média, algumas crenças e estereótipos foram disseminados. Acerca disso, Jeffrey Russell e Alexander Brooks elucidada:

as cavalgadas noturnas; o pacto com o Diabo; o repúdio formal ao cristianismo; as reuniões secretas e noturnas; a profanação da eucaristia e do crucifixo; a orgia; o infanticídio sacrificial; e o canibalismo. Cada um desses elementos foi incorporado à tradição da bruxaria por causa da heresia, ou, pelo menos, substancialmente modificada por ela (2019, p. 61).

É importante ressaltar que qualquer indivíduo poderia ser uma bruxa, todavia, em sua maioria, eram mulheres “livres¹¹”. Assim, durante a Idade Média e o início do período

⁹ “Ilustração marginal para o livro *Le champion des dames*, de Martin Le Franc (cerca de 1451)” (Russell; Alexander, 2019, p.12). Imagem retirada do livro *História da Bruxaria*.

¹⁰ “Goya, ele mesmo um cético, pintou cenas grotescas de bruxaria com propósitos satíricos. Aqui, as bruxas estereotipadas estão acompanhadas por familiares, alfinetam imagens e carregam uma cesta com bebês mortos para usar em sua orgia canibalística” (Russell; Alexander, 2019, p.17). Imagem retirada do livro *História da Bruxaria*.

¹¹ Desde o seu nascimento, as mulheres não teriam a liberdade para viver a sua vida da forma que desejasse, pois, por conta da sua ancestral Eva – a pecadora, as mulheres teriam que viver sob a tutela do sexo masculino. Uma vez que elas eram consideradas frágeis e incapazes de participar da vida política em sociedade. Dessa forma, restava apenas a vida privada, na qual seriam reprodutoras (mães) e cuidadoras do lar. Aquelas que se negassem a viver esta vida, seriam vistas pelo corpo social como propícias a se aliarem às “bruxas”.

moderno, elas desempenhavam papéis importantes em suas comunidades. Visto que utilizavam métodos naturais para tratar uma variedade de problemas de saúde. Em uma época na qual a medicina era limitada e só tinham acesso a essas práticas a nobreza e o clero, a comunidade rural, em sua maioria pobres, tinham que recorrer a métodos tradicionais. Tendo como exemplo o uso de ervas medicinais.

Esse fato contribuiu como argumento nos Tribunais do Santo Ofício ¹², por conta disso muitas curandeiras foram perseguidas, até mortas na fogueira, por conta da associação das ervas a magia negra. Então, quem eram essas “bruxas”? De acordo com Yasmin Torres:

As “bruxas” eram as mulheres “livres” do medievo, no sentido de que abdicavam uma vida religiosa para se entregar aos seus desejos carnisais [...] na visão social e/ou católica, tinham grandes poderes adquiridos através da venda de sua alma para o Diabo, para um pacto com este último. Poderes como, por exemplo, caso a plantação fosse infestada de pragas ou a colheita fosse ruim, a ideia era que uma “bruxa” amaldiçoou ou enfeitiçou o local (2019, p. 3).

Essas mulheres livres não se encaixavam no personagem criado pela igreja, por conseguinte se entregavam aos seus desejos mais obscuros. Contudo, a feminista Rosângela Angelin traz outra perspectiva a acerca de quem era essa “bruxa”. Segundo as ideias dela:

Ao analisarmos o contexto histórico da Idade Média, vemos que bruxas eram as parteiras, as enfermeiras e as assistentes. Conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social (2005).

Essas mulheres recorrentemente representavam a única opção de assistência médica disponível para os indivíduos menos afortunados. Durante muito tempo, elas exerceram a medicina sem os devidos títulos. Os saberes de como utilizar as ervas eram transmitidos de geração para geração, elas aprendiam umas com as outras (Angelin, 2005). Isto levou à perseguição médica à medida que os médicos e os aspirantes a medicina começaram a ver os conhecimentos das “bruxas” como uma ameaça, Cabot pontua que “... a profissão médica também se interessou na perseguição das bruxas e das curandeiras que ofereciam

¹² “Em 1233, o papa Gregório IX instituiu o Tribunal Católico Romano, conhecido como “Inquisição” ou “Tribunal do Santo Ofício”, que tinha o objetivo de terminar com a heresia e com os que não praticavam o catolicismo” (Angelin, 2005). Logo, “as inquisições foram tribunais eclesiásticos de investigações e julgamentos formais contra as heresias e a bruxaria, que acabou sendo incluída na lista das heresias com a bula papal Super Illius Specula, do papa João XXII” (Bittencourt, 2019, p. 125).

uma alternativa às práticas médicas ensinadas nas universidades da época” (Cabot, 1992, p. 83).

Em contrapartida, Franco Cardini traz outra definição, na qual pontua que as clientes das bruxas são mais fascinantes que elas:

O que vale, por fim, é que os clientes das bruxas são muito mais interessantes que as próprias bruxas. Porque as bruxas são, antes de mais nada, consolatrices afflictorum, vendedoras de sonhos e de ilusões de potência, de triunfo, de vitória, de vingança. E são bodes expiatórios dos maus pensamentos de uma sociedade cheia de desejos e de medo, de vícios e de impotência. A bruxaria triunfa quando não há esperança de outra redenção, nem social nem cultural. Eis porque a "caça às bruxas" foi uma grande tragédia. Não apenas para as bruxas (Cardini, 1996, p. 15).

Dessarte, de acordo com Cardini (1996), as bruxas não passavam de comerciantes de anseios ocultos à religião cristã. De fato, elas eram vendedoras de sonhos e desejos, porém eram também cuidadoras e médicas. Além disso, buscaram não se prender as correntes criada pelas religiões, principalmente a cristã, logo foram mulheres livres que desafiavam todo um corpo social estruturado na misoginia e patriarcado.

A Europa foi alvo de um grande número de conflitos bélicos, cruzadas, epidemias e rebeliões camponesas, e uma busca por responsáveis por tudo isso que se instaurou. Conseqüentemente, a Igreja não teve dificuldades em identificar pretextos para a perseguição das bruxas. Com isso, os documentos e discursos dos cristãos foi essencial para estabelecer um controle e repressão. Sendo assim:

Os autores medievais (...) descrevia a figura da bruxa demoníaca, uma figura necessária em um tempo de calamidades inexplicáveis e de íntima vivência com o sobrenatural. Eram procuradas justificativas para os castigos divinos na forma de pestes e calamidades, bem como a coação das populações para se legitimar e manter a ordem estabelecida (Gevehr, Souza, 2014, p.114).

A mulher é naturalmente má e pecadora, então se tornou a isca perfeita para ser culpada por todas as coisas que assolaram a Europa. Com isso, as bruxas, infelizmente, também foram “bodes expiatórios”. Em concordância com Cardini:

A insegurança da Igreja que, com medo da heresia, perseguia velhas superstições das quais nunca, até então, havia cuidado; desastres climáticos, econômicos e sociais para os quais era necessário encontrar um "bode expiatório" a quem atribuir responsabilidade; novo e duro controle da sociedade pelo estado absolutista. Estas três circunstâncias, atuando ao mesmo tempo, foram a origem da caça às bruxas como da perseguição de outros marginais, inclusive os judeus (Cardini, 1996, p. 13).

Portanto, por conta de vários eventos catastróficos ocorreu a necessidade de criar um novo elemento opressor, este elemento foi o caça às bruxas. Evidentemente, como já dito anteriormente, a mulher, foi escolhida para ser “bode expiatório”. Em consonância com o economista inglês Edward Miguel (2005), “é comum que sejam criados os chamados “bodes expiatórios”, resultados de um processo psicanalítico de concentração das frustrações populares em um determinado grupo ou indivíduo, para o qual é transferida a culpa pelos infortúnios coletivos” (*apud* Borja, 2021, p. 705).

III. *Malleus Maleficarum*: O interrogatório da testemunha.

O *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras) escrito por dois inquisidores dominicanos, Heinrich Kramer e Jacob Sprenger. “Primeiramente publicado em 1486, e reimpresso quatorze vezes até 1520” (Levack, 1988, p. 50), o autor principal dessa obra era o clérigo Kramer. Esse livro se tornou um guia para os inquisidores. Aliás, foi escrito a pedido do Papa Inocêncio VIII, “a obra estabelecia um elo entre a heresia e a feitiçaria e entre a feitiçaria e a sua agente predileta: a mulher” (Gevehr; Souza, 2019, p. 119).

Com a criação do *Malleus*, a França e outras regiões da Europa testemunharam castigos cruéis, utilizados para punir em nome do ser celestial – O Deus Cristão. Conseqüentemente, todos que ousaram desobedecer às normas ou os dogmas estabelecidos pela Santa Igreja enfrentaram severas punições. Certamente, essa obra incitou os julgamentos que, posteriormente, ficaram conhecidos como caça às bruxas. Portanto:

Mesmo não inspirando diretamente um frenesi de julgamento de bruxas, ainda assim forneceu uma contribuição importante para o desenvolvimento de toda a caça a bruxas européia. Assim como o conceito cumulativo de bruxaria, que ajudou a transmitir, ele serviu de precondição para a caça intensiva às bruxas. (Levack, 1988, p. 51)

Além do *Malleus*, outros manuais e tratados foram elaborados, a maioria desses documentos foi elaborada por magistrados e religiosos. A historiadora Poliana Alves da Silva (2018), formada pela Universidade Estadual de Goiás, em seu trabalho de conclusão de curso, elaborou uma tabela com outros exemplos de manuais. Segue abaixo a tabela:

OBRA	AUTOR	ANO DE PRODUÇÃO
<i>DirectoriumInquisitorium</i>	Nicolas Eymeric	1376
<i>Malleus Maleficarum</i>	Heinrich Kramer e James Sprenger	1486

Tractatus de Hereticis et Sortilegiis	Paulus Grillandus	1524
<i>Demonolatreiae</i>	Nicolas Remy	1595
<i>Disquisitionum Magicarum Libri Sex</i>	Martin Del Rio	_____
<i>Discoursdessorciers</i>	Henri Boguet	1602
<i>Compendium Maleficarum</i>	Francisco Maria Guazzo	1608
<i>Tableau de l'incostancedesmauvaisanges et démons</i>	Pierre de Lancre	1612
<i>PracticaRerum Criminalium</i>	Benedict Carpzon	1635

Elaborado por Poliana Silva – fonte: (Levack, 1988).

Mesmo tendo várias obras, a que se destacou e perpetuou em quase toda a Europa foi o *Malleus Maleficarum*. A obra é dividida em três partes, de acordo com Carlos Byington¹³, “a primeira cuida de enaltecer o Demônio com poderes divinos extremos e ligar suas ações com a bruxaria (...) na segunda parte, ensina-se a reconhecer e a neutralizar a bruxaria nas vivências do dia a dia da população (...) na terceira parte, descrevem-se o julgamento e as sentenças” (2015, p. 27) Na última parte, é possível notar o quanto esse livro é perverso e cruel. Com isso, para Byinton (2015), é “um manual de ódio, de tortura e morte” (p. 25).

Nesse tópico, iremos nos debruçar na terceira parte. Cabe salientar, que não temos como abordar essa parte toda, com isso iremos nos ater a testemunha. Em vista disso, de acordo com a fonte havia métodos específicos para proceder o julgamento da “bruxa.” Dito isso, como saber onde elas viviam? Na época havia denúncias de uma pessoa específica, como também havia denúncias de regiões. O juiz poderá convocar testemunhas indicadas pelo denunciante ou aquelas que aparentam ter conhecimento maior do caso.

O processo inquisitório foi marcado por uma conduta sumária e simplificada, isso significa que constantemente as acusações tinham argumentos infundados. Nesse sentido, os indivíduos incriminados, frequentemente, não tinham um advogado¹⁴ de defesa. Por isso, não conseguiram apresentar evidências que provassem sua inocência. Observa-se, que

¹³ Carlos Byington escreveu o prefácio da edição de 2015, lançado pela editora Best Bolso.

¹⁴ O advogado não é indicado de acordo com a vontade da acusada, é importante que o juiz seja cauteloso ao indicá-lo para que não seja um homem mal-intencionado, nem que seja facilmente subornado (como muitos o são), mas um homem honrado que não se apegue a qualquer tipo de suspeita. E o juiz deve ficar atento a esses pontos. Se o advogado atender a eles, será permitido defender, mas não em caso contrário. Para maiores detalhes ler o *Malleus Maleficarum*, p. 455 até 457.

esses julgamentos tinham em seu cerne depoimentos incertos e confissões adquiridas sob tortura.

Segundo os escritos do Martelo das Feiticeiras, para realizar o inquérito com testemunha é imprescindível ter a presença de ao menos cinco pessoas durante o procedimento, a testemunha, o acusado, o juiz, o notário ou escrivão, além de outras duas pessoas consideradas respeitáveis pela sociedade que presenciaram o depoimento (Kramer; Sprenger, 2015, p. 443-444).

➤ **Sobre as testemunhas:**

- 1° Era necessário saber se a testemunha era inimiga da acusada;
- 2° testemunhar, unicamente, pelo zelo da fé ortodoxa;
- 3° as testemunhas são obrigadas a prestar seus depoimentos sob juramento;
- 4° o argumento de familiares, frequentemente, era admitido para acusar do que defender;
- 5° servos, assassinos e criminosos eram permitidos como testemunhas;
- 6° Falso testemunho poderia ser perdoado, caso a informante se arrependesse.

As testemunhas dos casos de bruxaria frequentemente não tinham nenhuma evidência precisa de que a acusada era culpada. Contudo, devido a um conflito, como o fato de a ré ter produzido uma boa colheita e a plantação da testemunha não ter sido boa, foi necessário que ela apresentasse uma denúncia aos tribunais. Dessa forma, buscando se vingar daquele indivíduo que obteve grande sucesso com sua plantação (Silva, 2018, p. 51).

“Nessa questão de acusação, entendi, nenhum inimigo mortal do acusado poderá ser admitido para depor” (Kramer; Sprenger, 2015, p. 440). Sendo assim, não devemos nos enganar e acreditar que qualquer pessoa que a ré tivesse inimizado era considerado um inimigo mortal. Então, os rivais fatais se definem pelas seguintes situações: quando há uma inimização mortal ou desejo de vingança entre as partes, ou após uma tentativa de assassinato, ou quando uma lesão e ferimentos graves indicam claramente a presença de um ódio mortal por parte da testemunha em relação à pessoa acusada.

Nesse tipo de situação, considera-se que, da mesma forma que a testemunha procurou provocar a morte temporária do prisioneiro ao feri-lo, “também tentará conseguir o seu intento acusando-o de heresia” (Kramer; Sprenger, 2015, p. 440). Como almejou tirar-lhe a vida, desejou também manchar sua boa reputação. Por conseguinte, corretamente desqualifica-se o testemunho de indivíduos indignos como esses.

Caso a acusada tenha esse tipo de inimigo é necessário avisar ao juiz, pois caberá a ele decidir se a pessoa denunciada pela ré seria capaz de acusar, simplesmente, por ódio.

Contudo:

Se a acusada diz que espera não ter inimigos dessa espécie, mas que andou envolvida em intrigas com outras mulheres, ou se diz que tem inimigos, mas dá o nome de alguém que, talvez, nem tenha deposto naquele caso, mesmo que outras testemunhas declarem ter aquela pessoa prestado depoimento por motivo de inimizade, o juiz não rejeitará a evidência e a incluirá junto com outras provas (Kramer; Sprenger, 2015, p. 440-441).

Percebe-se que só se deve testemunhar exclusivamente movido pelo zelo pela fé. De acordo com os autores, alguns indivíduos negligentes e imprudentes acreditam que os testemunhos de mulheres “briguentas” devem ser descartados, presumindo que eles são motivados pelo ódio contra a acusada. Tais pessoas revelam uma falta de compreensão sobre a delicadeza e as precauções necessárias dos magistrados.

Exame das testemunhas:
1. Conhece a acusada?
2. Quantos anos a conhece?
3. Como é a reputação dela (boa ou ruim)?
4. Existem boatos sobre a ré?
5. Ouviu ou viu praticando tais atos?
6. Onde a acusada faz uso de tais práticas?
7. Na presença de quem?
8. Parentes da acusada já foram queimados como bruxas?
9. Parentes da acusada já foram considerados suspeitos?
10. A prisioneira usou de tais palavras impensadamente, irrefletidamente, despropositadamente ou, pelo contrário, com deliberada intenção?
11. Prestou esse depoimento por ódio ou por rancor?
12. Omitiu qualquer informação por favor ou por amor?

Fonte: (Kramer; Sprenger, 2015).

Após tomar o depoimento, é informado o lugar, o dia e as testemunhas que foram convocadas. Nesse contexto, o quadro acima mostra as indagações, sugeridas pelo manual, que poderiam ser feitas aos informantes. Além do exame das testemunhas, tinha também “*exame particular da acusada*” e “*o exame geral de uma bruxa ou feiticeira: a primeira ação ou etapa*”¹⁵.

Em relação à terceira pergunta, ela está associada aos princípios morais, especialmente, as práticas da fé. Ou seja, é questionado ao informante se a ré tem atitudes contrárias à fé, tendo como exemplo a prática de feitiçaria ou bruxaria. Como também, a acusada amaldiçoou um animal, uma planta ou alguém.

A indagação 11, está relacionada às questões que falamos anteriormente sobre inimizades. Algumas testemunhas poderiam negar ter feito o seu depoimento por rancor, quando na verdade esse seria o real motivo. Dessa maneira, faz uso do tribunal para poder se vingar da acusada. É importante salientar, que a ré dificilmente descobriria o nome das testemunhas e isso dificulta a sua defesa. Mas, caso a testemunha não estivesse em “perigo” poderia ser informado o seu nome.

De acordo com o *Malleus*, “as testemunhas ou os informantes incorreriam em grave perigo em virtude dos poderes das pessoas contra as quais prestam depoimento, caso o seu nome viesse a se tornar público, não deverá publicá-lo” (Kramer; Sprenger, 2015, p. 453). Nessa situação, a ré poderia ameaçar a testemunha ou lançar um “feitiço” contra o informante. Em virtude disso, seu nome era ocultado.

Os inquisidores religiosos Kramer e Sprenger (2015) alertam que a acusada mais perigosa era a mulher pobre, pois na visão deles elas não teriam nada para perder, além da própria vida. Então, indivíduos pobres se aliariam, facialmente, a cúmplices malignos, bandidos e até mesmo assassinos. O papa Bonifácio VIII decretou:

E para que o perigo aos acusadores e às testemunhas possa ser controlado de forma mais eficaz, e para que o inquérito seja conduzido com maior cautela, permitimos, pelas autoridades desse estatuto, que o bispo ou os Inquisidores (ou, como já dissemos, o juiz) devem proibir todos os envolvidos no processo de revelar sem sua permissão quaisquer segredos que tiverem sabido pela boca dos bispos ou dos Inquisidores, sob pena de excomunhão em que incorrerão caso violem tais sigilos (Kramer; Sprenger, 2015, p. 454).

¹⁵ Para saber mais ler *Malleus Maleficarum*, p. 444 até 447.

Além disso, importa referir que, tal como a divulgação pública do nome de uma testemunha de acusação ao público é punível, ocultá-lo sem justa causa, como por exemplo de uma pessoa com direito a saber, como um advogado, também é passível de punição.

No caso da questão 12, se a testemunha tiver uma dívida de gratidão para com a indiciada, possivelmente pode omitir informações por conta dessa sensação dívida. Consequentemente, por conta disso ela pode deixar de ser testemunha e passar a ser acusada. Mas que acusação seria atribuída a ela? Decerto, ela estaria transgredindo os preceitos da igreja, visto que a testemunha faz um juramento em nome da preservação da fé. Quando ela oculta, acaba infringindo as leis divinas. Nesse caso, se a testemunha se arrepender, ela poderá testemunhar novamente com intuito de zelar pela fé.

Então:

A evidência de perjuros, depois de seu arrependimento, é admissível¹⁶. Acrescenta em seguida: Parece de fato que não falam por leviandade, nem por inimizade, tampouco por suborno, e sim pelo mais puro zelo da fé ortodoxa, no desejo de corrigir o que haviam declarado, ou no de revelar alguma coisa que haviam omitido, em defesa da fé, e se há de considerar válido o seu testemunho, tão válido como o de qualquer outra pessoa, conquanto não se criem objeções para tal. (Kramer; Sprenger, 2015, p. 439)

Em falta de testemunhas zeladoras da fé ou de outras provas “um herege pode depor contra outro herege, uma bruxa pode depor contra outra bruxa” (Kramer; Sprenger, 2015, p. 438). Contudo, o argumento de hereges e bruxas só podem ser utilizados pela promotoria, a defesa, sob hipótese alguma, poderá usar.

Em paralelo, o mesmo vale para os depoimentos de familiares (esposa, filhos, pai ou parentes distantes). Assim, evidências desta natureza são mais valiosas para comprovar uma acusação do que para refutá-la. Em tal caso:

Para a proteção da fé permitimos que, nos casos de inquirição sobre o pecado da heresia, pessoas sob a pena da excomunhão e parceiros e cúmplices dos acusados sejam admitidos como testemunhas, na ausência de outras provas contra os hereges e seus defensores, protetores e patronos; conquanto pareça provável não só pelo número de testemunhas, como por aquelas contra as quais dão depoimento, e por outras circunstâncias que não estejam prestando falso testemunho¹⁷ (Kramer; Sprenger, 2015, p. 439).

¹⁶ Passagem canônica — c. accusatus § licet (Kramer; Sprenger, 2015, p. 439).

¹⁷ Passagem canônica — in fidei de haer (Kramer; Sprenger, 2015, p. 439).

Acerca dos testemunhos de homens de má reputação, criminosos ou de servos contra os seus amos, também serão admitidos. De acordo com o texto canônico, “tamanho é o flagelo da heresia que, nas causas judiciais que envolvem esse crime, mesmo os servos são admitidos para depor contra seus amos, e qualquer criminoso poderá prestar depoimento contra qualquer pessoa¹⁸” (2015, p. 439).

Outro ponto relevante é que as testemunhas podem ser ouvidas diversas vezes, isso é feito para verificar se há contradições, semelhanças ou se ocultou algo. Ademais, se a ré tiver uma boa reputação, dificilmente, será condenada por causa de duas testemunhas. Contudo, se a acusada tivesse uma má reputação a testemunhas seria primordial para a decisão final do juiz.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A presente pesquisa buscou analisar a parte três da obra *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras), essencialmente o julgamento. Através da análise conseguimos identificar um dos fatores que culminaram na execução de milhares de mulheres, essas rotuladas como bruxas. Logo, almejou-se responder ao longo desse trabalho algumas indagações: Quem eram estas mulheres acusadas? Por que em sua maioria eram mulheres? Quem eram as testemunhas? Qualquer um poderia ser testemunha? Como era realizado o interrogatório da testemunha?

A partir de análises das leituras realizadas, compreendeu-se que o ódio contra as mulheres foi construído gradualmente. O sexo feminino foi acusado de trazer a desgraça para a terra, o pecado e a morte. Contudo, percebeu-se que o homem procurou um responsável para todo o seu sofrimento terrestre e suas limitações, então o alvo escolhido foi a mulher.

Em meados do século XV, os devotos católicos utilizaram a personagem bíblica Eva, primeira pecadora, para demonizar as ações das mulheres, ela passou a ser um ser maleável e diabólico. Por ser frágil o “diabo” conseguiria manipula-la e disseminar o mal usando-a. Para Heinrich Kramer e James Sprenger a mulher era naturalmente má, por conta disso era mais fácil se tornar serva de Lúcifer do que um homem. Os autores, frequentemente, destacavam a “inferioridade natural” da mulher.

¹⁸ Passagem canônica — c. accusatus § licet (Kramer; Sprenger, 2015, p. 439).

Identifica-se, que a caça às bruxas era um mecanismo de controle social para reprimir as mulheres que desafiavam a ordem social da época. Em outras palavras, o objetivo era controlar e moldar a forma como as mulheres pensavam, agiam e se comportavam. As figuras femininas foram vítimas de uma sociedade manipuladora e controladora, na qual tinham medo do feminino. A personagem “bruxa”, criada pelos cristãos, desafiou uma sociedade misógina e patriarcal, nota-se que elas eram a personificação do que uma mulher não poderia ser.

As mulheres mais perseguidas eram aquelas que utilizavam as ervas para curar enfermidades. Na época a medicina estava em ascensão, somente homens poderiam estudar, então não seria permitido que uma curandeira que não havia estudado pudesse curar doenças com plantas. Havia dois problemas: o primeiro está associado ao seu gênero feminino, o segundo, por ser mulher, era naturalmente incapaz por conta da sua natureza inferior. Entretanto, mesmo com essa mentalidade, a população recorria curandeiras e as parteiras. Aqueles que as procuravam, no geral, não tinham condições financeiras ou estava desesperado por uma solução e o médico da época não conseguiu encontrar. Essa sabedoria foi associada a trabalho demoníaco e isso acarretou a perseguição e execução.

Outrossim, o julgamento da bruxa era simples. As testemunhas eram vizinhas, parentes, pessoas com inimizades, servos e até criminosos. Ao observar e analisar a fonte, compreende-se que diversas mulheres foram julgadas injustamente por conta de atritos que tinha com outro indivíduo ou por conta da ganância de seus acusadores. A bruxaria foi um inimigo criado no imaginário do corpo social medieval e moderno, utilizada para manter a ordem e controlar o sexo feminino.

Em suma, este estudo mostrou que “bodes expiatórios” são criados em momentos de desespero. Os europeus encontraram-se num ambiente de medo, rodeados de doenças e de crises social, política e econômica. Neste momento de crise, a sociedade europeia forjou a personagem culpada por todos os seus infortúnios e imperfeição. Antes de finalizar, cabe salientar que a obra *Malleus Maleficarum*, por ser uma fonte primária, é rica em informações e dar margens para futuras pesquisas. Espera-se que essa pesquisa contribua para os estudos voltados a bruxaria na transição da Idade Média para a Idade Moderna.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FONTES:

KRAMER, HEINRICH, 1430-1505. **O Martelo das Feiticeiras** [recurso eletrônico] / Heinrich Kramer, James Sprenger; tradução Paulo Fróes; introdução de Rose Marie Muraro; prefácio de Carlos Byington. - 1. ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

BIBLIOGRAFIA:

ANGELIN, Rosângela. A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista. 2012. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2012/08/04/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BETHENCOURT, F. **História das Inquisições - Portugal, Espanha, Itália**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Brasília –DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BITTENCOURT, Sara. O medo do feminino em construção no século XV. **Revista Ágora**, [S. l.], n. 30, p. 119–137, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/27898>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BLOCH, R. Howard. “Misoginia medieval e a invenção do amor romântico” **Ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BORJA L. Bruxas ou vítimas? A perseguição de mulheres acusadas de bruxaria na Tanzânia à luz do direito internacional dos direitos humanos. **Revista fides**, v. 12, n. 1, p. 703-722, 9 set. 2021.

CABOT, Laurie. **O poder da bruxa: a terra, a lua e o caminho mágico feminino**. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1992.

CARDINI. Franco. **Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento**. Trad. Sylvia Leser de Mell. Psicologia USP, São Paulo, v.7, n.1/2, 1996.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Comunicação. **Michaelis On-line**, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bruxa/>. Acesso: 11 de jan. 2024.

GEVEHR, D. L.; SOUZA, V. L. As Mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licencia&Acturas**, S.I, v. 2, n. 1, p. 113-121, jan/jun. 2014. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/31>. Acesso em: 8 jan. 2024.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. As várias faces da mulher no medievo. **WEB REVISTA LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 23–44, 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/2083>. Acesso em: 8 jan. 2024.

LEVACK, Brian P. **A caça às bruxas: na Europa no limiar da Idade Moderna**. Tradução Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LOPES, D. Ainda Somos Bruxas: a legitimação social da “fogueira” para as mulheres que fogem ao papel social a elas atribuído. In: MEDEIROS, Luciene (org.). **As muitas faces da violência contra a mulher na perspectiva de gênero**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. p. 22-36.

MOREIRA, Vânia Daniela Martins. **Bruxaria e a “caça às bruxas”**: abordagens sobre a sua trajetória ao longo da idade moderna. 2021. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade do Minho, Braga, 2021.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

RUSSELL, Jeffrey B.; BROOKS, Alexander. **História da Bruxaria**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres**. In: BURKE, Peter. (org.) A Escrita da História: novas perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-95.

SILVA, A. C.; MEDEIROS, M. M. Sexualidade e a História da Mulher na Idade Média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, S.I, v. 7, n. 14, p. 1-16, jul/dez. 2013.

SILVA, Poliana Alves da. **Malleus Maleficarum (O Martelo das Feiticeiras): Contextualizando a Bruxa no Antigo Regime**. 2018. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina, Goiás, 2018.

SILVA, Tadeu T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tadeu T. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, C. C. S.; BEZERRA, L. M. A. Bruxas, Mito ou Realidade: a educação feminina no período medieval. **Id On Line Revista de Psicologia**, S.I, v. 10, n. 33, p. 37-46, jan. 2017. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/635>. Acesso em: 08 jan. 2024.

TORRES, Yasmin Gabryelle de Lima. As “Mulheres, Bruxas e o Sexo na Idade Média”. **Anais do Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG**, v.1, Goiás: UEG, 2019.

Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sner/article/view/13629>. Acesso em 08 jan. 2024.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS:

RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

TOP MOVIES. **A Teoria do Mágico de Oz afirma que os fãs interpretaram mal sua famosa morte**. 2024. Disponível em: <https://topmovies.com.br/a-teoria-do-magico-de-oz-afirma-que-os-fas-interpretaram-mal-sua-famosa-morte/>. Acesso em: 12 mar. 2024.